



A historicização dos temas mitológicos na fundação de Roma: aspectos da soberania religiosa e jurídica

The historicization of the mythological themes in the founding of Rome: aspects of religious and juridical sovereignty

BRUNA CASIMIRO SICILIANI

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Direito da UFRGS. Bacharel em Direito pela PUCRS. <bruna.siciliani@gmail.com>

RESUMO: A história sobre a fundação de Roma é uma mitologia amplamente humanizada e historicizada. Eliminados os elementos miraculosos e sagrados dos mitos, resta apenas o seu esqueleto, o qual é preenchido com fatos e sequências de episódios para a construção da história. A história tinha como marco inicial o ato da fundação, e a história romana das origens, serviu de mitologia a estes homens para quem todos os valores se definiam em relação à sua cidade. Assim, o legado mitológico de Roma foi imortalizado na história da origem da cidade e de suas instituições, refletindo na figura dos primeiros reis romanos os aspectos da soberania religiosa e jurídica de seus temas.

Palavras-chave: Historicização; Mitologia; Fundação de Roma; Soberania religiosa; Soberania jurídica.

ABSTRACT: The history about the founding of Rome is a widely humanized and historicized mythology. By eliminating the miraculous and sacred elements of myth, it is left only its skeleton, which is filled with the facts and sequences of episodes for the construction of history. The starting point of history is the act of founding, and the Roman history of the origins served as mythology for these men to whom all values were defined about their city. Thus, the mythological legacy of Rome was immortalized in the history of the origin of the city and its institutions, reflecting on the figure of the early Roman kings the functional aspects of religious and juridical sovereignty.

Keywords: Historicizing; Mythology; Founding of Rome; Religious sovereignty; Juridical sovereignty.

INTRODUÇÃO

Para os povos arcaicos, o que era antigo era considerado sagrado, e quando um romano queria dizer que algo lhe era caro, dizia que era antigo¹. E não havia nada mais caro ao coração de uma cidade do que a lembrança de sua fundação. A história tinha como marco inicial o ato da fundação, e o nome do fundador era declarado sagrado. Rômulo era adorado, tinha templo e sacerdotes. Os senadores romanos puderam matá-lo, mas não puderam privá-lo de um culto ao qual tinha direito como fundador². Rômulo entrava para a história não apenas como o fundador de Roma, mas também como um deus.

O poeta que o país que não possui lendas está condenado a morrer de frio, já dizia o poeta³. Ao esvaziar a realidade e preenchê-la com a sua própria natureza, as lendas e os mitos transformaram os fatos históricos acerca da fundação de Roma em uma narrativa sagrada. Os romanos podiam não ter uma mitologia nacional própria⁴; não precisavam. O legado mitológico dos

antigos povos indo-europeus foi imortalizado na história da origem da cidade e de suas instituições, e reflete na figura dos primeiros reis romanos os aspectos da soberania religiosa e jurídica de seus temas.

A HISTORICIZAÇÃO DOS TEMAS MITOLÓGICOS

A tendência de usar lendas existentes, épicas ou míticas, para ser a história mais antiga é natural ao homem⁵. Assim, os antepassados dos romanos haviam conservado uma série de belos relatos com a ajuda dos quais, em meados do século IV A.C., eruditos desejosos de dar à cidade um glorioso passado compuseram a “história das origens”, relatos que, no registro humano, muitas vezes coincidem com o que contam a Índia e a Escandinávia sobre seus deuses⁶. A história romana das origens serviu de mitologia a estes homens para quem todos os valores se definiam em relação à sua cidade, sem muitos melindres com o mundo que a rodeava nem com os tempos que a precederam.

O processo de historicização dos mitos romanos na fundação da cidade revela ainda outra característica do seu pensamento religioso, particularmente, sua tendência ametafísica e sua vocação realística, conforme a lição de Eliade⁷. A sobrevivência do legado mitológico romano, que se oculta na mais antiga história da cidade, constitui em si mesmo uma criação religiosa capaz de revelar a estrutura específica dos fenômenos tanto religiosos, como sociais e jurídicos da civilização romana.

Os estudos de Georges Dumézil⁸ mostraram o efeito que muitos dos grandes acontecimentos que a tradição relata, desde Rômulo até Camilo Furio, não só foram embelezados, senão completamente repensados, em parte criados, para prestar a Roma os dois serviços que o povo pede de seus mitos, explicação e exemplo, e repensados ou criados com a ajuda de relatos míticos pré-romanos, ou seja, indo-europeus. Em particular, a sucessão dos quatro primeiros reis, em que os espíritos filosóficos, Cícero ou Florus, reconheciam o sinal de uma providência desejosa de construir progressivamente uma cidade perfeita, sem dúvida não é história transcrita, mas sim uma “mitologia terrestre”, historicada, que manifesta, em cálculos, atos e aventuras, a função teórica da teologia, qual seja, a localização na ordem hierárquica dos grandes mecanismos funcionais: Rômulo e Numa criaram a as instituições políticas e os cultos, Túlio Hostílio levou aos romanos a ciência da guerra; Anco Marcio acrescentou a esta herança o enriquecimento comercial e o crescimento demográfico. Os quatro primeiros reis de Roma, traduzem, assim, as funções hierárquicas que refletem na organização social e institucional da cidade: a Soberania, a Força Marcial, e a Produção⁹.

Apenas nos ocuparemos aqui dos representantes terrestres da Soberania identificada por Dumézil. A função soberana trata da “administração misteriosa e regular do mundo”¹⁰, ou seja, da religião e do direito¹¹. É dividida em duas partes ou tendências complementares, quais sejam, soberania mágica e soberania jurídica. Originalmente identificada através da antiga religião indiana, é claramente ilustrada pelo par Mitra e Varuna. Para os antigos indianos, Mitra é o efeito do deus soberano em seu “aspecto raciocinador claro, padronizado, sacerdotal, sereno, benevolente, enquanto que Varuna é soberano em seu aspecto arrebatador, sombrio, guerreiro, terrível”¹². Do mesmo modo, ocorre também em Roma o mesmo díptico com oposições e alternâncias idênticas¹³. Religiosamente retratados por Júpiter e Dius Fidius, estes encontram em suas contrapartes terrenas, os primeiros reis de Roma, Rômulo e Numa, os representantes dos aspectos religiosos e jurídicos acerca da fundação da cidade e de suas instituições.

RÔMULO E NUMA: ASPECTOS DA SOBERANIA RELIGIOSA E JURÍDICA

É fácil ver que as características e condutas de Rômulo e Numa estão construídas de tal maneira que foram uma antítese, cada traço de um encontra no outro o traço contrário, e os traços de ambos são igualmente necessários na obra comum da criação. Sua antítese, segundo as linhas próprias da ideologia romana, conforma-se com a que representa o par de Mitra e Varuna, com a reserva de que, ao serem homens, estão necessariamente submetidos às servidões: de um lado, já não podem ser contemporâneos, colaboradores, como são os deuses védicos, garantir simultaneamente serviços complementares em seus objetivos, mas opostos em seu meio; por outro lado, só podem representar, isto é, encarnar os dois aspectos da soberania através de intenções e de sentimentos humanos. Assim resta claro que, no caso do homólogo de Varuna, inclusive em suas relações com Júpiter, Rômulo só pensa em si mesmo e em sua obra¹⁴.

Rômulo é muito ambicioso, e todas as suas ações, sem exceção, tendem a estabelecer seu poder absoluto, conforme nos mostra Dumézil¹⁵. Nascido para mandar e não para obedecer¹⁶, deixou Alba Longa para seu irmão porque não aceitavam viver ali sem reinar, porque neles havia a *auitum malum, regni cupido*, “sede de poder, mal hereditário”¹⁷. Desde então, o bem e o mal se definem para ele em relação à sua majestade, em relação ao interesse de Roma, que ele determina. Para obter um bem político, não hesita em organizar um rapto massivo, um *adikema*, um ato ilegal cometido intencionalmente¹⁸, ao elaborar uma armadilha durante uma festa, que, organizada por outro, seria sacrílega e despertaria a cólera dos deuses. Celebra com pompa vários triunfos e, após sua vitória sobre Caramini, coloca no Volcanal sua própria estátua¹⁹. Amplia o território de Roma com suas anexações e aumenta sua população, transferindo inimigos vencidos²⁰. Segundo a tradição, sua ambição e dureza, no início suportáveis, evoluíram para uma tirania que, de fato, só acentua os traços já manifestos²¹. Vangloria-se de tal desprezo pelos senadores que, após seu misterioso desaparecimento, estes são suspeitos de tê-lo ao menos assassinado e esquartejado²².

Numa é fundamentalmente um sábio, pintado pelas narrativas gregas como filósofo, e pela tradição romana como *uir grauis*, relata Dumézil²³. Carece de paixões, inclusive as paixões nobres que apreciam os bárbaros, como a violência e a ambição²⁴. Casado com a filha do rei Tácio, antigo colega de Rômulo, vive, contudo, como um cidadão comum, até que a *vox populi* o reivindica para a realeza. Ele resiste,

argumenta, e só se resigna pelo senso do dever, quando o fazem compreender que o título o permitirá servir ao Estado e aos homens²⁵. Exige que a promoção ocorra regularmente, ritualmente²⁶. Sua doçura, sua justiça são tais que inspiram um amor sem reservas. Sua morte é um luto nacional e os senadores levam o seu ataúde aos homens²⁷.

Rômulo é violento e rápido, senão imprevisível. Ambas as características foram expressas sensivelmente por duas instituições do mesmo estilo.²⁸ Está sempre acompanhando de jovens chamados *celerēs* devido a sua presteza em servi-lo²⁹, enquanto outros jovens o precedem, afastando a multidão com bastões e amarrando ali mesmo com os cintos que levam à cintura³⁰. O mesmo gosto pela surpresa se manifesta na guerra: uma das versões da tomada de Fidenes o mostra enviando primeiro seus cavaleiros para cortar as dobradiças das portas, e depois, aparecendo de improviso³¹. Segundo Plutarco³², o primeiro ato de Numa como rei foi dissolver os corpos dos *celerēs*, pois não estava disposto a desconfiar de pessoas que confiavam nele, nem a governar aqueles que dele desconfiavam.

Rômulo trabalha através de guerras vitoriosas e condições impostas: tal é a origem de suas ampliações territoriais, das colônias que enviava através do Lácio. Inclusive no início da guerra sabina, nega-se a escutar as proposições justas e moderadas dos sabinos, que só pedem o retorno das mulheres sequestradas e a reparação dos danos, e se declaram dispostos a participar de uma amizade e aliança com Roma através de uma negociação regular³³, *peithōi kaí nómo*, persuasiva e legalmente³⁴. Ao contrário, Numa negocia. Oferece um bom acordo aos Fidenates, que realizam ataques por terras romanas, e instituiu, naquela ocasião, os sacerdotes *fetiales*, cujo dever era garantir o respeito aos aspectos que impedem ou limitam a violência³⁵.

Ambos procuram defender o direito, com a reserva expressada acima: Rômulo muitas vezes começa por definir pessoalmente esse direito, enquanto Numa o respeita como uma codificação absoluta e limitada. Mas Rômulo, principalmente, castiga, inspira temor tanto no estrangeiro como em seus súditos. Desde a infância, afugenta os bandidos, captura os ladrões, protege as vítimas de violência e, junto com Remo, pune os tropeiros de Numitor que furtaram o gato de Amúlio³⁶. Como rei, promulga leis penais severas³⁷. Numa, ao contrário, aposta na doçura, na persuasão, no exemplo, para assegurar o reino da virtude³⁸: “gentil e humana, no entanto, era a musa de Numa”, disse Plutarco³⁹, “e converteu o seu povo com paz e justiça, suavizando seu temperamento violento e impetuoso”.

Rômulo é, sem dúvida, religioso. Não obstante, sua devoção é a de um homem de ação e, a julgar por sua conduta, se resume em uma orgulhosa confiança em Júpiter, seu protetor⁴⁰. A vida de Numa está totalmente impregnada não apenas de piedade, mas também de religião. Ele é o herói da exatidão ritual, como o índio Manu. Plutarco⁴¹ diz que “tanto havia se ligado à divindade com esperança que, embora em uma ocasião, enquanto realizava um sacrifício, ele recebeu a notícia de ataques inimigos, ele sorriu e disse: e eu estou sacrificando”, *égó dé thýo*. Enquanto uns dizem que Rômulo foi o primeiro a introduzir a consagração do fogo e nomeou as sagradas vestais para guardá-lo, outros atribuem esta instituição a Numa⁴². Qualquer que seja a conclusão, o fato é que ambos foram os responsáveis pelos mais importantes cultos religiosos da cidade.

As agrupações mítico-rituais de ambos os fundadores se opõem do mesmo modo. Rômulo e seu irmão são os protótipos dos grupos Luperkos, isto é, *sodalites* da floresta, quase anteriores às leis e à humanidade⁴³. Uma vez por ano, um pouco antes do final do inverno, tomavam posse das planícies do Palatino, purificavam a cidade, fecundavam as mulheres, e eventualmente coroavam um rei, antes de desaparecer pelos doze meses seguintes⁴⁴. O evento, em honra a Pã e chamado Lupercalia, deveria rememorar o episódio da infância de Rômulo e seu irmão, criados por uma loba na gruta de Lupercal.

Numa, ao contrário, é fundador de todos os sacerdotes regulares da cidade, iniciando pelo mais augusto, o *flamonium*, e pelo mais ativo, o pontificado, que estão a serviço de Roma, de onde governam a vida religiosa durante todo o ano salvo, aparentemente, no dia da irrupção dos Luperkos⁴⁵. Os *flamines*, assim chamados os grupos sacerdotais mais importantes de Roma, eram divididos em *flamines dialis*, sacerdotes de Júpiter, os *flamines martialis*, sacerdotes de Marte, e os *flamines quirinalis*, de Quirinus, correspondendo, assim, à primeira, segunda e terceira funções, respectivamente⁴⁶. Estes três deuses são as contrapartes míticas das três camadas sociais identificadas por Dumézil na organização social, na qual cada estrato foi coletivamente representado no mito e na épica por um conjunto determinado de deuses e de heróis⁴⁷, dentre os quais, como já mencionado, figuram Rômulo e Numa como representantes terrenos da primeira função.

Rômulo e Numa, ambos homens, não se definem como tais; ao menos, se opõem como menos humanos, inclusive sobre-humano, e mais humano. De fato, Rômulo pertence em grande parte ao outro mundo. É filho de um deus e, seguindo uma das variantes da teologia de Quirinus, converte-se em outro depois

de sua morte, apto a receber um culto não apenas funerário, mas divino. A mesma certeza sobre essa origem fundamenta a confiança que tem em si mesmo e no rei dos deuses, Júpiter. Seu exterior – beleza, nobreza, força – revela, desde o início, a ambiguidade de sua natureza⁴⁸, que se manifestará plenamente em sua apoteose final⁴⁹, como o deus Quirinus. Numa, ao contrário, é um homem comum, e, como tal, não tem nenhuma pretensão de se tornar um semideus. Conta Plutarco, no momento que lhe ofereceram a realza, “A Rômulo celebram com cantos como filho de deuses, e se referem a ele como criança divina e salvação milagrosa, quando ele ainda era uma criança pequena. Para mim, ao contrário, a linhagem é mortal e minha criança e formação estiveram a cargo de homens que não são ignorantes”⁵⁰. Outra oposição vai da mesma direção. Ou Rômulo não estava com uma mulher durante o rapto das sabinas e não teve filhos, ou se os teve, não é raiz de nenhuma *gen*, seu sangue não se perpetuou na história da cidade que criou. Em relação a Numa, duas vezes casado, é reivindicado como antepassado de pelo menos quatro *gentes* que floresceram em diferentes séculos da grandeza romana, inclusive uma *gen* plebeia se imiscui nesta pretensão.

Embora seja filho de Marte, Rômulo não manteve relações com este pai, mas com Júpiter, quem lhe deu suas diretrizes. Por outro lado, Numa sem dúvidas manteve relações, e boas, com Júpiter, mas são relações pacíficas, de direito⁵¹. A particular devoção do segundo rei está reservada à deusa Fides, que expressa a essência do aspecto de Dius Fidius. Numa fundou o santuário à Fides Publica, e ensinou os romanos seu principal juramento, o juramento por Fides⁵², ou seja o equivalente ao juramento *per Dium Fidium*. Júpiter e Dius Fidius são os representantes divinos da função soberana, identificados por Dumézil, e encontram em Rômulo e Numa, respectivamente, suas contrapartes terrenas.

Todas estas fórmulas de antítese complementar que constituem Rômulo e Numa coincidem com os aspectos da oposição colaborativa de Varuna e Mitra, representantes da função soberana do método duméziliano, com as diferenças, a redução que impõe a condição humana dos personagens, inclusive do semideus e sua inserção no tempo e no espaço romano, na “história” romana. Para Dumézil⁵³, para uma homologia com a Índia, faltaria, por exemplo, relações diferenciais de Rômulo e Numa com a noite e o dia. Os aspectos da Soberania são apresentados de forma sucessiva, enquanto na teologia de Varuna e Mitra, e também na de Júpiter e Dius Fidius, são relacionados como duas faces de uma mesma moeda. Isso é resultado, repita-se, da limitação humana em uma fábula histórica.

CONCLUSÃO

Como se pode ver, a história sobre a fundação de Roma é uma mitologia amplamente humanizada e historicizada. Os mitos tiveram eliminados todos os seus elementos miraculosos, restando apenas o esqueleto, a sequência de episódios⁵⁴. Essa estrutura foi então preenchida com novos eventos, que consistem apenas no “terrestre e nada além do terrestre”⁵⁵. Desse modo, tanto em Roma como fora dela, os quadros historicizantes apresentam como um primeiro e um segundo reis os dois tipos de Soberania. Assim como na basileogonia dos deuses gregos, Zeus, o regulador, substitui, pelo intermédio de Kronos, o criador Urano, em Roma, Numa só ascende ao posto mais alto após o desaparecimento de Rômulo. Em outras palavras, a lógica dos conceitos da dupla soberania implica uma simultaneidade que a teologia aceita e expressa sem problemas através dos mitos, mas que a história só consegue retratar de forma sucessória.

REFERÊNCIAS

- BELIER, Wouter W. *Decayed Gods: Origin and Development of Georges Dumézil's 'Idéologie Tripartite'*. Holanda: E.J.BRILL, 1991.
- CICERO, Marcus Tullius. *Pro Caelio*. 3. ed. Illinois: Bolchazy-Carducci, 2010.
- DUMÉZIL, Georges. *Horace et les Curiace*. Paris: Gallimard, 1942.
- _____. *Jupiter, Mars, Quirinus: essai sur la conception indo-européenne de la société et sur les origines de Rome*. Paris: Gallimard, 1941.
- _____. *La religion romaine archaïque*. Paris: Payot, 1974.
- _____. *Les dieux des Indo-européens*. Paris: Presses Universitaires de France, 1952.
- _____. *Les dieux souverains des Indo-Européens*. Paris: Gallimard, 1977.
- _____. *L'héritage Indo-Européen a Rome: Introduction aux series "Jupiter, Mars, Quirinus" et "Les Mythes romains"*, Paris: Gallimard, 1949.
- _____. *Mitra-Varuna: Essai sur deux représentations indo-européennes de la souveraineté*, Paris: Gallimard, 1948.
- _____. *The destiny of the warrior*. Chicago: University of Chicago Press, 1970.
- ELIADE, Mircea. *Historia de las creencias y las ideas religiosas I: De la edad de piedra a los misterios Eleusis*. Espanha: Paidós, 1999.
- _____. *Historia de las creencias y las ideas religiosas II: de Gautama Buda al triunfo del cristianismo*. Espanha: Paidós, 1999.
- FUSTEL DE COULANGES. *A cidade antiga*. São Paulo: Editora das Américas, 1961.
- LITTLETON, Scott C. *The new comparative mythology: an anthropological assessment of the theories of Georges Dumézil*. Berkeley: University of California Press, 1973.
- PLUTARCH. *Plutarch's Lives I: Theseus and Romulus, Lycurgus and Numa, Solon and Publicola*. Cambridge: Harvard University Press, 1967.

NOTAS

- ¹ FUSTEL DE COULANGES. *A cidade antiga*. São Paulo: Editora das Américas, 1961, p. 263.
- ² *Ibid.*, p. 219.
- ³ DUMÉZIL, Georges. *The destiny of the warrior*. Chicago, University of Chicaco Press, 1970, p. 3.
- ⁴ DUMÉZIL, Georges. *Les dieux souverains des Indo-Européens*. Paris: Gallimard, 1977, p. 158.
- ⁵ DUMÉZIL, Georges. *La religion romaine archaïque*. Paris: Payot, 1974, p. 88.
- ⁶ DUMÉZIL, Georges. *Les dieux souverains des Indo-Européens*. Paris: Gallimard, 1977, p. 158.
- ⁷ ELIADE, Mircea. *Historia de las creencias y las ideas religiosas II: de Gautama Buda al triunfo del cristianismo*. Espanha: Paidós, 1999, p. 141 e ss.
- ⁸ DUMÉZIL, Georges. *Les dieux souverains des Indo-Européens*. Paris: Gallimard, 1977, p. 158.
- ⁹ DUMÉZIL, Georges. *The destiny of the warrior*. Chicago: University of Chicaco Press, 1970, p. 7.
- ¹⁰ DUMÉZIL, Georges. *Les dieux des Indo-européens*. Paris: Presses Universitaires de France, 1952, p. 7.
- ¹¹ DUMÉZIL, Georges. *L'heritage Indo-Européen a Rome: Introduction aux series "Jupiter, Mars, Quirinus" et "Les Mythes romains"*, Paris: Gallimard, 1949, p. 65-66.
- ¹² DUMÉZIL, Georges. *Mitra-Varuna: Essai sur deux représentations indo-européennes de la souveraineté*, Paris: Gallimard, 1948, p. 85.
- ¹³ ELIADE, Mircea. *Historia de las creencias y las ideas religiosas I: De la edad de piedra a los misterios Eleusis*. Espanha: Paidós, p. 257.
- ¹⁴ DUMÉZIL, Georges. *Les dieux souverains des Indo-Européens*. Paris: Gallimard, 1977, p. 159-160.
- ¹⁵ *Ibid.*, p. 160.
- ¹⁶ PLUTARCH. *Plutarch's Lives I: Theseus and Romulus, Lycurgus and Numa, Solon and Publicola*. Cambridge: Harvard University Press, 1967, p. 105.
- ¹⁷ *Ibid.*, p. 113.
- ¹⁸ *Ibid.*, p. 127-129.
- ¹⁹ *Ibid.*, p. 167.
- ²⁰ *Ibid.* p. 135-137.
- ²¹ *Ibid.*, p. 171-177.
- ²² *Ibid.*, p. 175.
- ²³ DUMÉZIL, Georges. *Les dieux souverains des Indo-Européens*. Paris: Gallimard, 1977, p. 160.
- ²⁴ PLUTARCH. *Plutarch's Lives I: Theseus and Romulus, Lycurgus and Numa, Solon and Publicola*. Cambridge: Harvard University Press, 1967, p. 315.
- ²⁵ *Ibid.*, p. 321-327.
- ²⁶ *Ibid.*, p. 327-329.
- ²⁷ *Ibid.*, p. 379.
- ²⁸ DUMÉZIL, Georges. *Les dieux souverains des Indo-Européens*. Paris: Gallimard, 1977, p. 161.
- ²⁹ PLUTARCH. *Plutarch's Lives I: Theseus and Romulus, Lycurgus and Numa, Solon and Publicola*. Cambridge: Harvard University Press, 1967, p. 171.
- ³⁰ DUMÉZIL, Georges. *Les dieux souverains des Indo-Européens*. Paris: Gallimard, 1977, p. 161.
- ³¹ PLUTARCH. *Plutarch's Lives I: Theseus and Romulus, Lycurgus and Numa, Solon and Publicola*. Cambridge: Harvard University Press, 1967, p. 165.
- ³² *Ibid.*, p. 327.
- ³³ DUMÉZIL, Georges. *Les dieux souverains des Indo-Européens*. Paris: Gallimard, 1977, p. 162.
- ³⁴ PLUTARCH. *Plutarch's Lives I: Theseus and Romulus, Lycurgus and Numa, Solon and Publicola*. Cambridge: Harvard University Press, 1967, p. 134.
- ³⁵ *Ibid.*, p. 347-349.
- ³⁶ PLUTARCH. *Plutarch's Lives I: Theseus and Romulus, Lycurgus and Numa, Solon and Publicola*. Cambridge: Harvard University Press, 1967, p. 105-107.
- ³⁷ *Ibid.*, p. 163.
- ³⁸ DUMÉZIL, Georges. *Les dieux souverains des Indo-Européens*. Paris: Gallimard, 1977, p. 162.
- ³⁹ PLUTARCH. *Plutarch's Lives I: Theseus and Romulus, Lycurgus and Numa, Solon and Publicola*. Cambridge: Harvard University Press, 1967, p. 387.
- ⁴⁰ DUMÉZIL, Georges. *Les dieux souverains des Indo-Européens*. Paris: Gallimard, 1977, p. 163.
- ⁴¹ PLUTARCH. *Plutarch's Lives I: Theseus and Romulus, Lycurgus and Numa, Solon and Publicola*. Cambridge: Harvard University Press, 1967, p. 361.
- ⁴² *Ibid.*, p. 161.
- ⁴³ CICERO, Marcus Tullius. *Pro Caelio*. Illinois: Bolchazy-Carducci, 2010, 3ª edição, p. 12.
- ⁴⁴ DUMÉZIL, Georges. *Les dieux souverains des Indo-Européens*. Paris: Gallimard, 1977, p. 164.
- ⁴⁵ *Ibid.*, p. 164.
- ⁴⁶ DUMÉZIL, Georges. *Jupiter, Mars, Quirinus: essai sur la conception indo-européenne de la société et sur les origines de Rome*. Paris: Gallimard, 1941, p. 100 e ss.
- ⁴⁷ LITTLETON, Scott C. *The new comparative mythology: an anthropological assessment of the theories of Georges Dumézil*. Bekerley: University of California Press, 1973, p. 3-4.
- ⁴⁸ PLUTARCH. *Plutarch's Lives I: Theseus and Romulus, Lycurgus and Numa, Solon and Publicola*. Cambridge: Harvard University Press, 1967, p. 103-105.
- ⁴⁹ *Ibid.*, p. 177-179.
- ⁵⁰ DUMÉZIL, Georges. *Les dieux souverains des Indo-Européens*. Paris: Gallimard, 1977, p. 163.
- ⁵¹ *Ibid.*, p. 167-168.
- ⁵² PLUTARCH. *Plutarch's Lives I: Theseus and Romulus, Lycurgus and Numa, Solon and Publicola*. Cambridge: Harvard University Press, 1967, p. 361.
- ⁵³ DUMÉZIL, Georges. *Les dieux souverains des Indo-Européens*. Paris: Gallimard, 1977, p. 166.
- ⁵⁴ BELIER, Wouter W. *Decayed Gods: Origin and Development of Georges Dumézil's 'Idéologie Tripartie'*. Holanda: E.J.BRILL, 1991, p. 37.
- ⁵⁵ DUMÉZIL, Georges. *Horace et les Curiace*. Paris: Gallimard, 1942, p. 136.

Recebido em: 22/04/2013; aceito em: 19/07/2013.